

## Aires Ricardo Mendonça

Dorme que eu velo, sedutora imagem,  
Triste miragem que num ermo vi;  
E, se acordares dum dormir tão fero  
Pega no «Antero» que tens para aí

E então devora as «Odes Modernas»  
Estendendo as pernas entre os cobertores  
Pois cowboy, misturas o teu cepticismo  
Com o snobismo de ter mil amores

Deixa as sebatas em que a gente marra  
Vamos lá agarra num jornal da bola  
E, Ricardo, grita todo plétórico  
Que és um teórico que és um carola.

Berra que te escutam todas as pequenas  
Loiras e morenas, todas curiosas,  
Que para ser melhor o nosso futebol  
Já de si de escol há que criar BRIOSAS

Arrepela as barbas, louco, furibundo  
Que um árbitro imundo nos prejudicou...  
E não julgues que dizem «essas grandes parvas»  
— Não arranca as barbas porque já as tapou!

Não meu caro Aires, ser desconfiado  
É andar tramado sempre a duvidar  
E a vida agora, é uma certeza  
É uma luta acesa que tens de ganhar

Do teu ex cordis

António Mendes

... Um dia entre lágrimas soluços e ais  
Acenou o lenço de despedida aos pais  
E partiu para longe, longe muito longe  
Para viver um sonho lindo, cheio de cor  
Estudar as leis .. E ser um bom doutor

Deixou o velho e glorioso Campal  
Para o trocar pelo poético Choupal  
Banhou-se no sinuoso Mandovi Salgado

As garotas vêem-no passar...  
E ele passa!  
Do seu olhar longínquo desprende-se  
um mistério morno de orientais perfumes!  
E assim começa o drama:  
uma após outra, rendem-se todas  
loucas de amor e de ciúmes!  
Porquê? Sei lá porquê!...  
Aquele sorriso fez brotar acesos versos  
dum coração romântico...  
Ah! o Algarve é tão longe e não se vê!  
Senão...  
Eu queria apresentar a procissão  
delas que o seguiam aclamando-o em voz rouca!  
Mas...

Cóte-te boca!

Para depois o comparar ao Mondego cantado  
E disse Adeus à lendária e misteriosa Goa  
Como propósito de conhecer a ciência de Lisboa  
E com esse propósito firme e sério  
Voltou as costas à Índia Milenária  
E voou... cortando os mundos  
Atravessando Desertos  
Transpondo Oceanos  
Até a vaidosa capital do Império

Conheceu o pecado da Lisboa nocturna  
O esplendor e o luxo do Estoril  
A boémia da Pastelaria Paris  
A doutrina do Campo dos Mártires

Mas ele não gostou de Lisboa  
Lisboa não o atraiu... Deixou-a

E assim chegou à velha Coimbra  
Pátria do fado, de cowboyada, cidade doutora

Velo, viu e venceu...  
Proveu os amores do Penedo de Saudade  
As discussões de Futebol no Arcádia  
Os Bilhares, Jornais e Café da Brasileira  
E as noites na tasca do Pirata

Sim, conheceu tudo, tudo...  
Talvez para nunca mais conhecer  
Mulheres vieram e mulheres foram  
Vestiu-se a capa e rasgou-se a capa  
Compraram-se sebatas e venderam-se sebatas  
Vieram as viagens e acabaram-se as viagens

Será isso tudo verdade?  
Não será antes um sonho  
Fruto do meu grande Idealismo?

Pensará sempre o Aires de Mendonça  
Este doutor que aqui vedes e... «amigo de Onça»

Com fortíssimos abraços e votos para muitas felicidades

N. S. C.

Deixa falar quem fala, ó minha amiga!  
Isso é um romance velho...  
E a «malta» da Tuna que o diga!  
Agora... bem! agora um conselho:  
se és bonita, sensata (e tens um «sentimento») de que te gabes!  
lança a «isca» e tenta...  
Porque... nunca se sabe!  
Aires, queria definir-te.  
Procurei para ti definição.  
Busquei-a...  
Errei.  
Tudo foi em vão...  
.....  
No Humano, só ha Compreensão.

De T. M.

